

NARRATIVAS COMPÕEM A HISTÓRIA: EDUCADORAS DE INFÂNCIA EM RIO BRANCO-ACRE

Giane Lucélia Grotti Silveira*

Resumo

O artigo é fruto de minha dissertação de mestrado e dá ênfase à narrativa de história de vida de uma das professoras de educação infantil, da primeira instituição desta modalidade de ensino em Rio Branco, Acre, extremo Sul da Amazônia Ocidental. Busco trançar os fios da narrativa das experiências da professora com os fios de minha própria história de vida e experiência como aluna e professora formadora de outras professoras, tecendo uma trama em que passado e presente, histórias singulares e coletivas se enredam aos *saberes-fazeres* da educação infantil *ontemhoje* neste município. Foram adotados os princípios da investigação narrativa e, através da história oral e da rememoração de experiências, escavei as memórias de vida e profissão desta professora e as minhas, bem como busquei fragmentos da história da educação infantil no município de Rio Branco. A fundamentação teórica se faz perante as contribuições de António Nóvoa (1995), Jorge Larrosa (1998, 2002), Walter Benjamin (1986) e outros. Os enredos das nossas histórias, minha e a da professora compõem *ontemhoje* singularidades que expressam *saberes-fazeres* docentes que são, franjas de uma história que continua sendo tecida.

Palavras-chave: Narrativas. História de vida. Memórias. Educação Infantil.

1. INICIANDO A CONVERSA

Dar visibilidade às histórias de vida de professoras de Rio Branco, que construíram sua profissionalização atuando na educação infantil e que desenvolveram suas trajetórias profissionais neste nível de ensino, foi a proposta desta pesquisa, no entanto, o cotidiano sempre nos surpreende. O cotidiano não se deixa aprisionar e essa é a primeira descoberta que fazemos quando nos lançamos a pesquisar *no e com* o cotidiano. A pesquisa *com* o cotidiano exige que o pesquisador arrisque outros caminhos, talvez inéditos, repletos de surpresas e, acima de tudo, coragem para mudar o rumo quando necessário.

Minha intenção original era pesquisar ao menos três professoras de educação infantil e registrar suas histórias enquanto educadoras da educação infantil. O que mudou minha intenção original? Ao conhecer a professora Ana Souza do Nascimento, a primeira professora a ser entrevistada, me detive em sua história e me deixei capturar por suas narrativas, deixando de lado a ideia de trabalhar com mais professoras. Na tessitura das redes de subjetividades, os fios que teceram e tecem sua história, se encontraram com os meus e neste encontro algumas

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). gianegrotti@uol.com.br

tramas foram cultivadas. As experiências narradas por Ana, conjugadas com minha própria experiência, me permitiu tecer redes de conversação¹ materializadas na escrita – minha escrita –, e esta foi tomando corpo, criando vida própria e neste momento apresento parte do que foi vivido.

Ao falar de Ana e também de minhas experiências as apresento em forma de **fragmentos** juntamente com outras vozes que também trouxe para o entrelaçar das histórias que já foram anunciadas. Fragmentos de histórias de vida que não foram definidos *a priori*, mas em momento posterior, ao observar que a forma cartesiana tradicional de se apresentar trabalhos acadêmicos não dialoga com minha forma de pesquisar e, principalmente, porque o trabalho com rememoração é um trabalho constituído por fragmentos que se unem e compõem a história que se quer contar. Desta forma, o exercício da rememoração não se dá de modo contínuo, linear, ele se apresenta em episódios, em cenas que recordamos e revivemos ao rememorá-las.

2. A ESCOLA EM QUE A PROFESSORA ANA ATUOU

Nas franjas das memórias de Ana encontro fios da história da escola de Educação Infantil Menino Jesus – EEIMJ, desde seu início é referência, para a população de Rio Branco, por seu ensino de qualidade e pelo compromisso de seus/suas educador@s²; referência que se mantém desde sua inauguração – a primeira escola de educação infantil do município – até os dias atuais, como bom modelo de escola infantil, no Acre. Tal fato aguçou minha *curiosidade epistemológica* e me instigou a investigar as razões de seu sucesso. Será o trabalho pedagógico desenvolvido pel@s educador@s? Ou as relações que se estabelecem com as crianças e a concepção de infância que lhes é subjacente? Ou ainda, tudo isso junto?

Partindo destas questões, iniciei minha busca e constatei que esta escola venceu o tempo e tem em seu “corpo” as marcas das diferentes concepções de educação, de infância, impressas em sua identidade e terminologias: Jardim da Infância, Pré Escola e, atualmente, Escola de Educação Infantil Menino Jesus. Decorridos 60 anos de sua inauguração, permanece o compromisso em oferecer um ensino que promova o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos cognitivos, motores, sociais, afetivos e artísticos. E o resultado de seu trabalho pode ser evidenciado na constante procura por vagas na instituição, uma das mais importantes do Acre.

No *espaçotempo* desta escrita, como já afirmei, fui tecendo minha narrativa trançando os fios de minha história, com os fios da história de Ana e agreguei aos fios da história da Escola de Educação Infantil Menino Jesus, fios de diferentes matizes que me permitiram colocar em diálogo experiências vividas num *tempo de agoras*.

3. COMO FOI CONSTRUÍDA A PESQUISA: SUPORTES

Ancorei a pesquisa nas contribuições da História Oral, da Investigação Narrativa e dos estudos com Autobiografias, e do ponto de vista metodológico utilizo a conversação como recurso privilegiado para tomar conhecimento das memórias e das experiências da vida de Ana.

Esta nova forma de fazer ciência, baseada no cotidiano de uma pessoa ou de algumas pessoas, vem se opondo à concepção tradicional, cartesiana de pesquisa desde meados de 1850, período em que “houve a preocupação em dar visibilidade às condições de vida dos operários e dos desempregados momento em que é criado um novo paradigma sociológico em contraposição ao positivista.” (PEREIRA, 2002, p.255).

Nóvoa (1995) é um dos defensores desta nova forma de conceber, ver o mundo e questionar, duvidar das verdades instituídas, bem como da maneira hegemônica de se fazer pesquisa. Aponta a necessidade de produzir um “outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores” (p. 18) e justifica que os estudos auto(biográficos) desde os anos 70 permitem que o sujeito ganhe destaque em detrimento ao sistema, “a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (idem). Esta abordagem caracteriza-se por englobar e integrar as diversas perspectivas sejam elas do campo educacional, da sociologia ou da psicologia.

Mais que simplesmente um gênero do discurso, a opção aqui foi usar a narrativa como o meio pelo qual a pessoa, se coloca como “cronista” de sua história, levando em conta o que disse Benjamim (1994, p.223): “nada do que um dia aconteceu pode ser perdido na história”.

Essa opção explícita de trabalhar com narrativa vai ao encontro do que já disse Foucault (2009) ao defender a posição da necessidade de ouvir, escutar a criança, os loucos, os grupos excluídos, as mulheres e outras minorias. Esta defesa no meio acadêmico pouco a pouco começou a ganhar característica de ciência engajada e militante. Uma militância que permitiu e permite novas formas de pensar, sentir e conhecer.

Tais formas são evidenciadas neste trabalho, ora apresentado através das conversas e dos depoimentos que foram construídos na relação entre mim e a professora Ana. E numa relação de confiança entre nós, a sua exposição aqui se tornará pública.

Benjamim (1994) considera a investigação narrativa um tipo artesanal de comunicação que se reconstrói na medida em que é narrada, em vez de simplesmente ser a lembrança de uma experiência acabada. A narrativa é um acontecimento infinito, “sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio

antes e depois” (p. 37), pois a experiência da narrativa também é uma experiência de quem a escuta, uma vez que @ ouvinte, em vez de ser indiferente ou inatingível, participa em todas as suas dimensões existenciais.

4. COMPLEXIDADES E SINGULARIDADES DAS NARRATIVAS

Benjamim (1994) disse que a arte de narrar está em vias de extinção, uma vez que o ser humano está sem condições de experienciar coisas. Experiências que não as tem, por estar emaranhado nos muitos estímulos e processos que tem de responder. Acaba, assim, como um cão, devorando o alimento sem saboreá-lo. Talvez como aponta Larrosa (2002), vivemos num mundo regido pelo tempo, que sempre é pouco. “Buscamos o futuro e perdemos a habilidade de trazer a lembrança o passado e tudo isto faz com que não nos deixemos ser tocados pelas situações, não sentimos, não experienciamos, apenas vivemos” (p. 21).

Ao compartilhar das posições que sustentam o trabalho com narrativas e história oral, registro aqui o avesso desta falta de experiência, ao evidenciar e tornar públicas uma história que é tão real e verdadeira quanto outras tantas que não foram registradas. Encontrará @ leit@r a história narrada que constituiu e constitui a mim e a Ana, a professora participante desta pesquisa que apresento, neste momento, algumas frações da memória.

Dessa maneira, coloco-me também enquanto narradora da história de vida desta professora, na medida em que narro um pouco do que sei sobre a história do Acre e da Escola Menino Jesus, escola em que Ana trabalhou: sua origem, finalidade, enfim, a que e a quem ela serviu e serve. Deixo fluir meus desejos de, ora colocar, ora tirar, ora omitir episódios e situações, dentre tantas as informações a que tive acesso. Assim, “inventei” uma história que vivi ao pesquisar sobre Ana.

Ao me colocar enquanto narradora/personagem mesclo-me com a história aqui registrada. Sou também personagem/narradora da história da educação acreana, sem nunca ter imaginado que a comporia, vejo-me enredada por suas inúmeras correntes, àquelas que Iff contou a Harum sobre o Mar de Fios de Histórias, que conheci ao ler (PÉREZ, 2003a), e que agora compartilho.

Harun olhou para a água e viu que esta era feita de milhares e milhares de correntes diferentes, cada uma de sua cor, que se entrelaçavam como uma tapeçaria líquida, de uma enorme complexidade. E Iff explicou que aqueles eram os Fios de Histórias, e que cada fio colorido representava e continha uma única narrativa. Nas diferentes áreas do Mar havia diferentes tipos de histórias, e como todas as histórias que já foram contadas e muitas das que ainda estavam para ser inventadas se podiam encontrar ali. O Mar de Fios de Histórias era, na verdade, a maior biblioteca do universo. E como as histórias ficavam ali guardadas em estado líquido, elas conservavam a capacidade de mudar, de se transformar em novas versões de si mesmas, de se unirem a outras histórias. Assim, ao contrário de uma biblioteca, o Mar de Histórias era muito mais do que um depósito de livros. Não era um lugar morto. Era um lugar cheio de vida. Harun percebe então que o mar está cheio de peixes “milbocas” que engolem histórias e em cujas entranhas “acontece um milagre”: um bocadinho de uma história junta-se com uma idéia de uma outra e pronto! Quando os peixes cospem as histórias, elas já não são as mesmas, são outras novas. Nenhuma história vem do nada; elas nascem das velhas. São novas combinações que fazem com que elas sejam novas. (Salman Rushdie – Harum e o Mar de Histórias).

Como os peixes milbocas, a professora e eu fizemos o “milagre” de, ao narrar nossas histórias, tecermos outra e outras, que nasceram das combinações que fizemos de nós, de nossas próprias histórias de vida.

Ao pesquisar me perdi, mas também me encontrei neste trabalho que me permitiu adentrar, me comunicar com a outra pessoa, entendendo o quão subjetiva esta entrada representa, devido à abrangência das intercessões entre nós. Estabeleci com Ana um diálogo possível de construção de laços afetuosos, laços sociais.

Em meio a estes laços presentes em nosso diálogo, faço minha própria narrativa, encontro meios de pensar, ver por outros ângulos minhas práticas, me entusiasmo, sinto prazer. Um prazer que percebi ao ouvir da professora que comigo escreve este texto: “*Imagine só, eu falar a respeito da escola Menino Jesus*”.

Percebi naquele momento, que se sentiu valorizada e que, de certa forma, seu trabalho estava sendo reconhecido. Ao narrar episódios vivenciados na escola, muitas vezes se emocionava, ria, suspirava e até se entristecia quando comparava situações vividas no passado com as de agora.

Ao rememorar, por vezes não conseguimos lembrar a sequência exata dos acontecimentos vividos, sempre reconstruímos o vivido lendo-o no agora, assim, construímos partes, de nossas histórias, de nossas experiências.

5. NOSSO ENCONTRO

Minha busca em torno de professoras que trabalharam com a educação da criança pequena iniciou por meio de algumas visitas à Escola de Educação Infantil Menino Jesus, após a definição de minha temática de pesquisa.

Em uma dessas visitas, percebi que alguns dados só poderiam ser encontrados na Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco, atual SEME, que nos últimos anos está responsável por responder pelas escolas Estaduais que trabalham com Educação Infantil. A escola Menino Jesus é uma delas.

Chegando à SEME reencontrei colegas que me fizeram viajar nas minhas memórias. Rememorei acontecimentos vividos quando compus a equipe técnica da então SEMEC Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Naquele momento estava acompanhada de uma colega da universidade que também trabalhou comigo naquele período. Expusemos os motivos que me levaram

até lá e, prontamente, uma lista de nomes de professoras foi discorrida oralmente, pelas professoras que compõem a equipe técnica responsável pela Educação Infantil na Secretaria.

Um nome me chamou a atenção: Ana Souza do Nascimento. A professora ainda atuante estava trabalhando, na ocasião, na Escola de Educação Infantil Vovó Mocinha Magalhães. Resolvi ir até lá para conhecê-la e convidá-la a participar deste trabalho. Assim o fiz e no início do mês de fevereiro de 2010 fiz o primeiro contato com Ana.

Realizei uma sondagem com a professora e verifiquei que havia interesse em partilhar comigo sua história de vida, tanto profissional quanto pessoal. Devidamente apresentadas e com seu consentimento, marcamos para a semana seguinte nossa primeira conversa.

Preparei alguns pontos para iniciar nossos encontros: li/pesquisei informações sobre o período que envolveu a história de vida da professora; fiz leituras sobre assuntos relacionados à Educação Infantil pertinentes aos interesses desta pesquisa; busquei dados e informações sobre a primeira escola de Educação Infantil no Acre. E lá fui outra vez ao encontro de Ana.

Recordo bem que a professora iniciou a nossa conversa contando a sua origem: “Eu nasci lá no Rio Purus, só que antes de um ano de idade meus pais foram lá pra Sena Madureira, inclusive lá era o Estado do Amazonas. Aí depois eles se transferiram pra morar no Iaco”.

6. EDUCAÇÃO INFANTIL NO SERINGAL

Nos seringais não havia escolas para o ensino das primeiras letras, Ana “gozava” de uma infância peculiar e muito comum a várias crianças acreanas. Teve seu primeiro contato com a leitura e escrita através de sua mãe que fazia o papel de professora: “Agora estudar, ela era mesmo, minha mãe, quem fazia o papel de professora,

de ensinar... Dessa eu me lembro, ela foi encomendar no regatão, uns lápis, um livro. Nessa época a gente já tinha passado pela carta de ABC e aprender a fazer o nome, tudo com ela. Isso nas horas vagas, que num tava trabalhando lá no mato, no roçado”.

Na cidade a preocupação era garantir às crianças cuidados com a saúde, e no seringal as crianças na idade de Ana trabalhavam: “Eu costumo dizer, eu acho que não tive infância, mas lembrando por esse lado, eu sei que tive infância, tive adolescência. Porque era só trabalho, trabalho, acordar cedo, começar na luta... Acho que dos cinco e seis anos já ajudava. Era natural!”

7. ANA PROFESSORA - PARTE 1

“Naquela época ainda tinha a coisa do machismo, a mulher procurava mais ser professora. Já no ginásio tínhamos umas disciplinas de cunho didático e assim éramos encaminhadas para dar aulas”.

A profissão de professoras surge da necessidade de mulheres para ministrar aulas para meninas. Em um primeiro momento, a tradição colonizadora europeia manteve a administração das escolas brasileiras por conta dos jesuítas. A educação era destinada às pessoas do sexo masculino e, dessa forma, restava para as mulheres e meninas as atividades domésticas como: bordar, cozinhar, costurar, cuidar da casa, do marido e d@s filh@s. Tais atividades eram consideradas naturais, inerentes ao sexo feminino.

A professora Ana deixa bem claro este aspecto quando diz os motivos pelos quais a levaram a ser professora.

As discussões em torno da feminização do magistério são muito amplas, por isso mesmo vou me deter apenas em alguns aspectos em relação à sociedade ocidental que construiu o conceito de mulher em torno daquela que vive para servir, assim como @s escrav@s, tem o direito de suprir, dar, obedecer.

Enquanto professora, a mulher possui uma tarefa, uma missão palavra utilizada com frequência no magistério e empregada em vários momentos com a conotação de dar cabo de uma empreitada transcendental, algo sublime, sobrenatural, um sacerdócio.

Na concepção ocidental católica, a mulher poderia ser professora desde que suprisse todas as demandas da casa, podendo trabalhar somente um período do dia. Acreditava-se que a criança realmente deveria ser mais bem educada pela figura feminina, porém, havia no início a imposição em manter a mulher também em suas funções domésticas. Exigia-se da professora uma moral ilibada, deveria ser uma pessoa que servisse de exemplo para @s alun@s em todas as áreas de suas vidas.

Era atribuição das mulheres socializar a criança. Na escola, as professoras dariam continuidade às funções de maternagem sendo o ensino das séries iniciais considerado como extensão da formação do lar que englobava a continuação dos ensinamentos, dos conceitos morais e do desenvolvimento intelectual recebidos em casa. A uma mulher era extremamente adequado dar esta extensão de formação à criança e atender todas as suas necessidades.

Encontrei em um artigo de Marlete Schaffrath que trata sobre a profissionalização da mulher no magistério, um artigo do jornal “O Santelmo”, de Santa Catarina, em que a mulher é assim tratada:

A mulher: A mulher que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte, e para Salomão uma vingança, é, para o médico, um corpo; para o juiz uma ré; para o pintor, uma modelo; para o poeta, uma flor; para o militar, uma camarada; para o padre, uma tentação; para o enfermo, uma enfermeira; para o são, uma enfermidade; para o republicano, uma cidadã; para o romântico, uma diva; para o versátil, um brinquedo; para o gastrônomo, uma cozinheira; para o menino, um consolo; para o noivo, um desejo; para o marido, uma carga; para o viúvo, um descanso; para o pobre, uma calamidade; para o rico, uma ameaça; para o jovem, um pesadelo; para o velho, um inimigo; para o homem, um estorvo; para o diabo,

um agente; para o mundo, uma força; e, para o tipógrafo...uma página. (Jornal O Santelmo, n.18, 18/07/1858, Desterro, Santa Catarina).

Aqui é aparente a concepção machista, pecaminosa, que a figura feminina expressava. Seria um mal necessário tê-la por perto para o prazer, para o trabalho, uma carga a ser suportada, uma calamidade, um descanso para quem a perdeu, sempre culpada de algo. Culpa que carregou e carrega por ter nascido mulher.

Ao ler o artigo mencionado fiquei num misto de indignação e vontade de ser mais do que sou, assim como Freire já me disse. Indigno-me, pois presencio, vivo o forte impacto desta concepção em nossa sociedade, que desconsidera que, todos os seres humanos, mulheres e homens carecem dos mesmos direitos e estes devem ser exercidos com liberdade. Ninguém, seja de que gênero for, tem o direito de subalternizar @ outr@.

8. SUA ATUAÇÃO NA ESCOLA MENINO JESUS: CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

“Lá no Menino Jesus a concepção de Educação era característica de uma Educação Humanista, mas não era como as tendências romântica, assistencialista.”

Vejo aqui algo de muito atual nas palavras trazidas por Ana. Neste momento, ela demonstra conhecer discussões feitas sobre as tendências romântica e assistencialista que são travadas no Curso de Pedagogia, mais especificamente nas disciplinas voltadas às questões específicas sobre a Educação Infantil.

Ana utiliza o mesmo termo, “*tendência romântica*”, acredito que, neste momento se reportando às discussões realizadas durante o Curso de Pedagogia ou ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*. “*Fiz pós-graduação, nós fomos fazer em Araxá – MG*”.

Ao citar estas tendências, Ana ressignifica o que aprendeu num passado recente e se reporta a momentos mais distantes de sua atuação profissional, faz atualização

de sua linguagem que, provavelmente, adquiriu durante a graduação e a pós-graduação como já citei, e acrescento que a incorporou também através de cursos de capacitação que fez ao longo de sua carreira profissional. Ela destaca que na Escola Menino Jesus, a educação era especial. “Era uma educação responsável, que via a criança como um ser que aprende que lê, que era autônomo”, provavelmente mesclou todos os conhecimentos teóricos adquiridos durante sua formação a sua prática, e ao lembrar faz as conexões e deixa em evidência sua “bagagem” histórica em permanente des/reconstrução.

No período em que Ana atuou na Educação Infantil, talvez esta autonomia não fosse vivida plenamente em todas as instituições para as crianças pequenas. Tomo como exemplo minha experiência enquanto aluna da Educação Infantil, visto que durante a atuação dela entre os anos de 1974 e 1975, fui aluna neste nível de ensino, e hoje percebo que havia uma concepção tradicional sobre a criança. Sentia que deveria obedecer sem questionar.

Os deveres que hoje chamamos de tarefas ou atividades eram para ser realizadas no lugar e tempo rigidamente determinados. É comum a criança ser heterônoma nesta faixa etária, e assim, prossegui até muito tempo depois, contradizendo a autonomia a que Ana se refere. Eu fazia estritamente o que era determinado pelas professoras.

Sobre a concepção romântica, ela restringe-se ao nome. “O romântica era só no nome. O povo chamava de jardim da infância e a gente de jardineira. Na época eu não tinha essas palavras, faço a leitura do hoje”. Novamente aqui, agora explicitamente, Ana ressignifica o passado e o revela através de sua prática pedagógica muito ativa.

“A gente valorizava o saber da criança, mas não deixava apenas no saber empírico, a gente trabalhava cientificamente. “Nós trabalhávamos pesquisando mesmo. Se estudávamos peixes, pedíamos autorização dos pais e da diretora para sairmos da sala de aula e da escola para ver a pesca na praia da Base (bairro próximo ao centro da cidade).

Trazíamos os peixes, dissecava-os, víamos seus órgãos e os nomes deles. Fazíamos os cantinhos das rélias”.

Ela prossegue com mais um exemplo: “Aquele coisa de falar urinar ou xixi, em vez disso, elas (as crianças) falavam mijo. Elas faziam tipo metáfora. Falavam que a nuvem mijava, uma coisa assim... Então elas têm essa linguagem, a gente num vai dizer: que mijo menino, não é isso! Num momento adequado, em leitura, em conversas, a gente vai substituindo os termos dizendo, se for o caso, aquele também comunica, mas, o termo correto é “tal”, e inclusive levar o dicionário para lá (sala de aula), onde estão as palavras, que a gente vê como escreve”.

No trecho acima ela já faz uso da nova concepção linguística sobre o uso da língua materna, não fazendo menção à maneira tradicional que acusa como erro o falar próprio não convencional, instituído como norma culta. Ela sabe que é necessário conhecê-la, e introduz de maneira leve garantindo que as crianças aprendam outra linguagem.

9. ANA PROFESSORA - PARTE 2

Ana trabalhava na Educação Infantil utilizando as “unidades de experiência” e compara-as com o que hoje denominamos de projetos: “Nós trabalhávamos com unidades de experiência. Ela é muito parecida com projeto. Acho que o trabalho rende... Lá no Menino Jesus nosso trabalho dava certo. Unidade de experiência é assim: tem o tema, uma justificativa, o que se quer, para quê, para quem, e seus objetivos. Tínhamos os objetivos: geral e específicos. Não deixávamos fora desse trabalho os hábitos e atitudes. Ai vem o conteúdo em separado, para efeito didático, não tinha como nos Referenciais. Nós tínhamos Ciências, Estudos Sociais, Português e Matemática. E hoje nos Referenciais recebe outro nome Natureza e Sociedade, Linguagem oral e escrita e Matemática”.

“Nós tínhamos também uma rotina. Baseávamos nela para fazer o planejamento. O plano de aula da

gente. Primeiro fazia um plano do dia, depois o plano da semana, mais ou menos assim. Essa rotina era mais em função para respeitar o horário do lanche, banheiro e saída, tendo essa rotina bem fixa aí você vai jogando as atividades”.

Em determinado ponto de nossa conversa, Ana faz referência a momentos de aprendizagem que se dava de uma maneira especial. Ela oportunizava a *rel*/des/construção de conhecimentos nos “*cantinhos de aprendizagem*”. *Se estudávamos plantas, naquele canto forrávamos a mesa para o cantinho de ciências, e aí a gente colocava as primeiras coisas. Eles pegavam e a gente ia complementando com o saber científico. No dia seguinte, alguém iria trazer outra coisa sobre o tema, depois que completava mudava o tema. A gente entrevistava, fazia excursão, os pais colaboravam”.* Quero destacar que as atividades distribuídas no espaço da sala de aula a que se refere, são na proposta de Celestin Freinet (1996), chamados de cantinhos de interesse, espaços ocupados por objetos na sala de aula, que a partir da observação da professora em relação ao que atraem as crianças, são coletados e estudados por tod@s. E não somente nos cantinhos de interesse a proposta de Freinet está, na fala de Ana as aulas passeio, por exemplo, são contempladas como no momento de saída das crianças da escola para observar os pescadores na praia da Base.

A proposta de trabalho de Freinet resultou de sua percepção em relação aos interesses das crianças, os quais estavam fora da sala de aula, e isto possibilitou a Educação Infantil criar novas formas de trabalho, resultando em trazer para a sala de aula o que estava fora dela. Até os dias atuais esta prática é muito presente nas propostas pedagógicas da Educação Infantil.

Ana fez um comentário quanto ao que vê atualmente sendo praticado na Educação Infantil em se tratando de trabalhos que tenham significado direto com os interesses das crianças: *“Eu me realizo quando vejo essas coisas, eu ainda sou apaixonada pelo trabalho só*

que não tenho mais a capacidade de tolerância, reconheço que não tenho, e graças a Deus que eu reconheço”...

Sobre trabalhar com o interesse das crianças, Ana acrescenta mais um dado: *“Hoje a criatividade delas é mais aguçada...”* Ao dizer isto citou a própria neta sobre seu interesse em computadores e por ser bastante questionadora.

Apesar da criatividade das crianças, Ana se ressentida da falta de apoio da família que, para ela, poderia contribuir mais para a aprendizagem das crianças. *“A questão familiar perdeu o sentido, esperam a educação só da escola. Naquela época a criança também não tinha limites, mas a família ajudava”.*

10. FINALIZANDO ESTA CONVERSA

Sobre a educação infantil no Acre a narrativa de Ana evidenciou que desde o início, na escola Menino Jesus, houve a preocupação em cuidar e educar as crianças. As ações culminavam no sentido de oportunizar-lhes o desenvolvimento da autonomia, isto é, a capacidade de construir as suas próprias regras e meios de ações flexíveis, negociadas com outras pessoas, adultos ou crianças. Autonomia permeada de certa rigidez como pude observar em uma fotografia da primeira turma da escola em que as crianças estavam rigidamente sentadas e com as feições sérias, (ver dissertação completa da autora).

Em vários momentos Ana, através de sua narrativa, pode rememorar sua atuação profissional, ressignificou sua prática, se colocou enquanto protagonista de sua história, deu destaque à sua atuação pedagógica, fazendo o tempo inteiro a releitura do passado no presente e apontando para o futuro, pistas de um fazer melhor. Talvez este novo fazer possa não ser exercido por ela mesma, mas por outras professoras, outras histórias que estão enredadas na história dela. Sua rememoração foi minha e a minha se reformulou a partir do que ouvi, vi e senti quando estava com ela, e

depois de me ausentar fisicamente sua voz permaneceu ecoando em minha mente. Posso assegurar que Ana e eu, sentimo-nos mais no sentido freireano do termo, quando ao falar, contar nossas histórias tão “banais” e casuais, vimos sentido e muito significado em nosso fazer pedagógico.

Percebi que ela acreditou sempre em uma educação humanizadora, uma educação que oportuniza a independência, a livre expressão, que via a criança como um ser social, histórico, pertencente a um determinado grupo social, portanto com suas características peculiares.

STORY MAKE UP A STORY: KINDERGARTEN TEACHERS IN RIO BRANCO-ACRE

Abstract

The article is based on my dissertation of mastering and it emphasizes the narrative of the life story of one of the kindergarten's teachers of the first institution of this kind of education in Rio Branco, Acre, the southern tip of the Western Amazon. My objective is to weave the strands of the experience's narrative of the teacher with the wires from my own life story and experience as a student and teacher trainer of other teachers, weaving a plot in which past and present, particular and corporate stories are entangled to knowledgedoings children's education, yesterdaynowadays of this town. I adopted the principles of narrative inquiry, and through oral history and recollection of experiences, I dug memories of the life and profession of this teacher and I sought fragments of the history of early children's education in the city of Rio Branco. The theoretical foundation is being held before the contributions of Antonio Nóvoa (1995),

Jorge Larrosa (1998, 2002), Walter Benjamin (1986) and others. The plotlines of our stories, my teacher and the singularities that compose yesterdaynowadays express knowledgedoings teachers who are fringes of a story that is still woven.

Keywords: Narrative. Life story. Memories. Children's education.

NOTAS

- ¹ Ao falar em redes de conversação tomo como fundamento as formulações de Pérez e Alves. As autoras elegem o diálogo como matriz investigativa na pesquisa com as crianças: *conversar com as crianças é uma forma de conhecê-las e nos dar a conhecer – é no diálogo com o outro que o sujeito revela-se para o outro e para si mesmo. As redes de conversações que fomos coletivamente tecendo (nós e as crianças, as crianças e as outras crianças, as crianças e a escola, nós e a escola, as crianças e a universidade, a universidade e a escola) tem nos permitido, a partir da conexão de enunciações compreender como fazemos (nós e as crianças) o que fazemos.* A esse respeito ver: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal e ALVES, Luciana Pires. *Diálogos extemporâneos no cotidiano escolar: a pesquisa com as crianças.* ETD- Educação Temática Digital. Revista eletrônica da Faculdade de educação da UNICAMP. <http://www.fae.unicamp.br/revista/index>. vol. 13, nº 1 – 2011, p.9.
- ² O uso do símbolo arroba neste texto se refere ao gênero feminino e masculino ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão.* Trad. Raquel Ramallete. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FREINET, C. *Pedagogia do Bom Senso.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência.* Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- NÓVOA, A. *Os Professores e as Histórias da sua Vida.* In: NÓVOA, António. (Org.). *Vidas de professores.* Portugal: Porto Editora, 1995.

PEREIRA, M. T. J. S. *Histórias de vida de educadoras da infância*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2002.

PÉREZ, C. L. V. *Cotidiano: histórias, memória e narrativa*. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a, p. 97-118.

_____. *Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Jornal O Santelmo, n.18.Desterro, Santa Catarina, 1858.

Recebido em 03 de junho de 2013.

Aprovado em 10 de junho de 2013.